

Orlando Brogueira Rolo

Sebastião da Gama

Um poeta da Serra da Arrábida

23 de Março de 2017

Imagens de Sebastião Artur Cardoso da Gama



Sebastião Artur Cardoso da Gama, algures na Arrábida, 1947-1950



Desgrenhado, fotografia reproduzida no Citador, Wikipedia, e desenho à vista em papel por Orlando Brogueira Rolo a partir do retrato inserto na obra poética Serra Mãe

Biografia sumária de Sebastião da Gama

Sebastião da Gama

Um poeta da Serra da Arrábida

Sebastião Artur Cardoso da Gama nasceu em Vila Nogueira de Azeitão a 10 de Abril de 1924 e faleceu em Lisboa em 7 de Fevereiro de 1952.

Candidatou-se à Faculdade de Letras Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa no Verão de 1942, então com dezoito anos, licenciando-se, em 1947, em Filologia Românica.

Sofrendo de tuberculose (tuberculose renal), doença muito vulgar na época e que frequentemente conduzia à morte, desde muito novo, acabou por ir viver para o Portinho da Arrábida.

Muito provavelmente chegou a deslocar-se ao Sanatório do Outão para tratamento, embora este estivesse mais vocacionado para terapias hélio-marítimas destinadas a tuberculoses ósseas e ganglionares.

Sebastião da Gama tomou então como principal motivo poético a Serra da Arrábida, de cuja beleza e quietude se apaixonou, publicando em 1945 o livro *Serra Mãe*, 1945, reeditado em 1957, que reunia os poemas que compôs pelo menos a partir de 1943.

Em 1947 editou Cabo da Boa Esperança, reedição em 1962, Campo Aberto em 1951, reeditado em 1962, Pelo Sonho é que Vamos em 1953.

Sabe-se que considerava como seu mestre o poeta e escritor José Régio, referindo-se com ternura a outros poetas como António Nobre, Mário de Sá Carneiro, Miguel Torga, Fernando Pessoa, Florbela Espanca, todos eles

Orlando Brogueira Rolo

representados na área ocidental do Parque dos Poetas, em Oeiras.

Colaborou nas revistas Mundo Literário (1946-1948), *Árvore* e *Távola Redonda*, nesta apresentando uma sensibilidade “*metafísica*” e contemplativa.

Foi um dos fundadores, em 1948, da Liga para a Proteção da Natureza.

Sebastião da Gama foi professor na Escola Industrial e Comercial Veiga Beirão, em Lisboa, que eu posteriormente frequentei, e na Escola Industrial e Comercial em Setúbal, onde cheguei a inscrever-me, mas nunca frequentei, e na Escola Industrial e Comercial, em Estremoz.

No seu Diário, editado postumamente em 1958, tem-se um valioso testemunho da sua experiência como docente e uma prestimosa reflexão sobre o ensino.

Foi um poeta de fina sensibilidade que António José Saraiva e Óscar Lopes denominam, por comodidade, de metafísica, embora “*a mais típica na oposição ao realismo*”, dela irradiando “*numerosas poesias pela poesia, poesias a uma instância onde se isolam as simples “palavras” (“ou um nome”), as palavras pelas quais se opera a nova e constante Génesis do mundo, palavras que inventam, constroem todo o espaço habitável numa arquitetura bafejada pelo vento dos anjos e dos deuses, no perfil dos ombros da manhã e da tarde*”, “*de um Paraíso Perdido infantil, para além da infância, para além da morte, e de toda uma sociedade conhecida e por conhecer*” mas cuja arte é, para nós, rica de espiritualidade apontada aos sentidos, mas muito assente na forma e não no conteúdo, cultivando o passado e a paisagem descreditados pelo modernismo, sendo, para Reis Brasil, caracterizado apenas

Sebastião da Gama

Um poeta da Serra da Arrábida

de simples e fervoroso cultor lírico. Malogrado e fervoroso diz João Gaspar Simões.

Vale a pena ler o Prefácio de Maria de Lourdes Belchior de Setembro de 1960 publicada em *Campo Aberto*, 5ª edição, 1999, para se perceber que a religiosidade o levou a agarrar-se frequentemente à esperança, como tábua de salvação, que não era, perante uma morte cada vez mais próxima, e, com ela, desenhar a poesia com uma exuberante presença da infância que dizia perdida e nunca o abandonou, coabitando com a aceitação da realidade consentida da sua morte esperada. E sobre a criança que havia nele, leia-se em Matilde Rosa Araújo “a sua natureza de criança deslumbrada, que nunca deixou de ser, “criança ajoelhada” como a que foi presença na Senhora da Lapa, criança ajoelhada perante a vida”...”explicada nestas folhas de prosa tanto como na sua poesia: nelas vive o homem, o verdadeiro homem e, talvez por isso, o verdadeiro poeta...”.

Preso ao passado e ao presente, acrescentamos, porque sabia que não iria viver o futuro. Por vezes roçava a pieguice inocente. Mas uma coisa notei: as frases são, em geral, muito curtas, com ideias simples concluídas e, depois, integradas num todo:

Epígrafe

*Que me importa, meus versos, que vos tomem
(e eu vos tome também) por chaves falsas,
Se vós me abris as portas verdadeiras?*

Cabo da Boa Esperança, 27 e 29, de 200 páginas da edição da Ática, onde, na edição de 1993, mais de 50% são “brancas”, para saltar para o poema seguinte!

Publicaram-se, além de *Serra Mãe*, em 1945, *Cabo da Boa Esperança*, em 1947, *Campo Aberto*, em 1951, *Pelo Sonho é que Vamos*, em 1954, e *Itinerário Paralelo*, em 1967, estes últimos postumamente.

Orlando Brogueira Rolo

A Edições Ática dedicou-lhe uma coleção que designou por obras completas de Sebastião da Gama, de que conheço, por ora, os oito primeiros volumes, a saber: **I - Serra-Mãe**, **II – Diário**, **III – Cabo da Boa Esperança**, **IV – Campo Aberto**, **V – Itinerário Paralelo**, **VI – O Segredo é Amar**, **VII – Pelo Sonho é que Vamos** e **VIII – Cartas-I**.

Em negrito assinalo as que possuo na minha modesta biblioteca.

Sebastião da Gama foi objeto de um número duplo especial de *Távola Redonda*, 16 e 17, 1953, Sebastião da Gama, poesia e vida, Castelo Branco, 1961 e esteve presente no nº 107, de Abril de 1994, de *Letras e Letras*.

O seu *Diário*, postumamente editado pela Ática em 1958, foi, ao que sabemos, prefaciado por Maria de Lourdes Belchior que, em Setembro de 1960, surge comentando o *Campo Aberto*, o que acontece também na 5ª. edição de 1999.

Na terceira edição, de 1993, da terceira daquelas obras (III), consta “como um prefácio”, de 1992, a análise de Matilde Rosa Araújo que promoveu igualmente a seleção, a atribuição do título e a elaboração do prefácio para as páginas de prosa que reuniu no *O Segredo é Amar*, de que conheço apenas a 3ª. edição, de 1986.

Mas, para as *Cartas I*, a introdução, a seleção e as notas são já de Joana Luísa da Gama, embora o prefácio seja de Maria de Lourdes Belchior de 1992. A particularidade é de que algumas das cartas eram dirigida pelo autor à própria Joana Luísa da Gama que as compilou.

No dia 1 de Junho de 1999, foi inaugurado em Vila Nogueira de Azeitão o Museu Sebastião da Gama, destinado

Sebastião da Gama
Um poeta da Serra da Arrábida

a preservar a memória e a obra do Poeta da Arrábida, como era também conhecido.

As Juntas de Freguesia de São Lourenço e de São Simão instituíram um Prémio Nacional de Poesia com o seu nome.

Fontes:

BRASIL, Reis, História da Literatura Portuguesa, 2ª. Edição, 1963: 397.

CINTRA, Luís Filipe Lindley, Introdução ao livro de poemas Serra-Mãe, 1956.

SARAIVA, A. J., E LOPES, Óscar, História da Literatura Portuguesa, Porto Editora, 1996: 1065.

SIMÕES, João Gaspar, Perspectiva histórica da Poesia Portuguesa (Século XX, Dos Simbolistas aos Novíssimos). Ensaio, Brasília Editora, 1976: 402.

Prefácios nas suas obras de Maria de Lourdes Belchior e de Matilde Rosa Araújo.

Wikipedia.

Orlando Brogueira Rolo



Placa evocativa do poeta no Parque dos Poetas em Oeiras, Portugal, transcrevendo o poema seguinte

Dá-se aos que têm sede,
Campo Aberto, 5ª edição, Ática, 1999: 45.

*Dá-se aos que têm sede,
não exige pureza,
Ah!, se fôssemos puros,
p'ra melhor merecê-la*

Sabe a terra, a montanhas,

*caules tenros, raízes,
e no entanto desce
da floresta dos mitos.*

*Água tão generosa
como a que a gente bebe,
fuja dela Narciso
e quem não tenha sede.*

Sebastião da Gama
Um poeta da Serra da Arrábida

Excerto
Serra Mãe

...

*O murmúrio é a alma de um Poeta que se finou
e anda agora à procura, pela Serra,
da verdade dos sonhos que na Terra
nunca alcançou.*

*E outros murmúrios de água, escuto, mais além:
os Poetas embalam sua Mãe,
que um dia os embalou.*

Orlando Brogueira Rolo

As crianças

Cabo da Boa Esperança

Olhavam para tudo extasiadas.
Puras, em cada rosa, em cada pedra,
Viam beleza eterna e absoluta.
Seus olhos primitivos resumiam
A intacta poesia da Manhã.

Sebastião da Gama
Um poeta da Serra da Arrábida

É o Sol e mais nada

Campo Aberto

É o Sol e mais nada
neste momento importa.
Brinquem os raros felizes
No seu jardim em flor.
Dancem danças de roda,
digam versos de Amor,
e o sumo das laranjas
lhes adoce as gargantas

É o sol no pomar
e no jardim dos tristes.
Tristíssimos os tristes
Que não venham bailar!

Estavam três meninas
sentadas no pomar.
Estavam três rapazes.
E as meninas pensaram
que o Sol não acabava.
E os rapazes fingiram
Acreditar também
que o Sol não acabava
E moços e meninas
bailaram no pomar.

Orlando Brogueira Rolo

Era o Sol, era o Sol,
e tanto lhes bastava.
Tristíssimos os tristes
que por desconfiança
não quiseram bailar!,
e àquela mesma hora
choravam no jardim,
choravam no pomar.

Sebastião da Gama
Um poeta da Serra da Arrábida

Meu País Desgraçado

Cabo da Boa Esperança

*Meu país desgraçado! ...
E no entanto há Sol a cada canto
e não há Mar tão lindo noutro lado.
Nem há Céu mais alegre do que o nosso,
nem pássaros, nem águas...*

*Meu país desgraçado! ...
Porque fatal engano?
Que malévolos crimes
teus direitos de berço violaram?*

*Meu Povo
de cabeça pendida, mãos caídas,
de olhos sem fê
— busca, dentro de ti, fora de ti, aonde
a causa da miséria se te esconde.*

*E em nome dos direitos
que te deram a terra, o Sol, o Mar,
fere-a sem dó
com o lume do teu antigo olhar.*

*Alevanta-te, Povo!
Ah!, visses tu, nos olhos das mulheres,
a calada censura
que te reclama filhos mais robustos!*

Orlando Brogueira Rolo

*Povo anémico e triste,
meu Pedro sem forças, sem haveres!
— olha a censura muda das mulheres!
Vai-te de novo ao Mar!
Reganha tuas barcas, tuas forças
e o direito de amar e fecundar
as que só por Amor te não desprezam!*